



**LAZER E FESTA: OLHARES E TRAMAS ACERCA DO FOLIÃO “PIPOCA” NO
CARNAVAL DE SALVADOR**

Flavio Cardoso dos Santos Júnior
Luís Vitor Castro Júnior

RESUMO

*Este estudo retrata parcialmente as complexas relações entre **lazer e festa** nas ruas soteropolitanas. Ele se propõe a discutir sobre a afinidade entre estas duas manifestações, identificar o perfil do que é considerado “folião pipoca” no Carnaval de Salvador, analisar o grupo Mudança do Garcia enquanto espaço de resistência cultural e discutir as situações de disputa pelos lugares da festa. Para tal, enveredamos na Antropologia Social, através da pesquisa etnográfica. Assim, caminhamos pelas avenidas, becos e vielas da cidade e achamos diversos signos e formas de expressões de ordem política e afetiva anunciados pelos corpos para poder participar do folgado baiano.*

Palavras-Chave: Lazer, Festa, Pipoca.

SUMMARY

*This study partially reflects the complex relationships between **leisure and partying** in the streets of Salvador. He strives to discuss the affinity between these two events, identify the profile of what is considered “popcorn reveler” in the Carnival of Salvador, analyzing the group Change Garcia as an area of cultural resistance and discuss the situations of competition for places party. To this end, we set in Social Anthropology, by ethnographic research. So, we walked along the avenues and alleys of the city and found many signs and forms of political expression and affective announced by the body in order to participate in the merriment of Bahia.*

Keywords: Recreation, Party, Popcorn.

RESUMEN

*Este estudio refleja parcialmente las complejas relaciones entre el **ocio y la fiesta** en las calles de Salvador. Él se esfuerza por discutir la afinidad entre estos dos eventos, identificar el perfil de lo que se considera “juerguista palomitas de maíz” en el Carnaval de Salvador, el análisis del grupo de Cambio García como un espacio de resistencia cultural y discutir la situación de la competencia por los lugares Parte. Para ello, ponemos en Antropología Social, por la investigación etnográfica. Así,*



caminaamos a lo largo de las avenidas y callejones de la ciudad y que se encuentran muchas señales y formas de expresión política y afectiva anunciado por el cuerpo con el fin de participar en la alegría de la Bahía.

Palabras clave: Deportes, Fiestas, palomitas de maíz.

1. Introdução

O presente estudo é parte integrante de nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual discutimos **Lazer e Festa** nas ruas soteropolitanas no período do Carnaval. Como todo estudo tem suas fronteiras, apesar de ter escrito, de forma abrangente, sobre o tema, reconhecemos que o assunto carece de um aprofundamento mais cuidadoso, principalmente a parte que “toca” os foliões “pipoca”¹.

A palavra “trama” aparece no título do texto. Se apelarmos para o dicionário, ela possui diversos significados: Conjunto de fios passados no sentido transversal do tear; enredo; intriga; tramóia; trança; ou conluio (FERREIRA 2000). Porém podemos pensá-la também como um emaranhado, uma relação de afinidades e também diferenças. O verbo “olhar” também se faz presente na abertura do ensaio. Ele nos remete ao ato de observar, mas, ao mesmo tempo, podemos imaginá-lo como uma forma de se interpretar alguma coisa.

Portanto, a nossa observação se refere aos olhares e tramas como formas de entender as relações do festejo. Chama-se a atenção para tal fato a fim do leitor não se equivocar no sentido de mal interpretar a análise atual. Portanto, “olhares” e “tramas”, neste estudo, significam interpretações e enredos não facilmente visualizados e decifrados no contexto da festa carnavalesca baiana.

Assim, o objetivo do estudo consiste, de maneira embrionária e sucinta, em compreender a relação entre Lazer e Festa, identificar o perfil do que é considerado “folião pipoca”, analisar a Mudança do Garcia enquanto espaço de resistência cultural e discutir as situações de disputa pelos lugares da festa.

Desse modo, usamos como instrumento investigativo uma pesquisa etnográfica, ramo da Antropologia Social interessada em estudar um sujeito ou uma população de uma forma direta, inserindo-se o pesquisador em sua realidade (OLIVEN, 2002). A escolha deste tipo de investigação se deu no sentido do mesmo permitir-nos um envolvimento concreto com os atores sociais que compõem a análise, fator este facilitador para um maior entendimento e compreensão dos dados colhidos e observados, tendo em vista que se trata de um local que, apesar de físico, não é fixo e sim fluido, pois podemos pensá-lo como um quebra-cabeça formado por peças feitas de “espaços-momentos”. O próprio dinamismo da festa impõe isso.

Assim sendo, fomos ao campo empírico munidos de máquina fotográfica, filmadora e gravador. Fizemos uso de entrevistas semi-estruturadas a fim de avançar em nossas indagações, bem como idealizamos um “Diário de Bordo”, no qual foram lançados todos os registros colhidos. Diante de tudo

¹ Termo utilizado para as pessoas que brincam o Carnaval nas ruas de forma livre e descompromissada.



isso, no período posterior à festa, fizemos um “amarrado” de todos os assentamentos do qual resultou o atual grafito.

A Educação Física, enquanto campo de conhecimento, possui uma vasta discussão teórica e metodológica sobre os estudos do Lazer, porém as investigações sobre as Festas Populares ainda são poucas. Desse modo, entendemos que nosso estudo pode contribuir para o debate sobre a dinâmica entre Lazer e Festa.

2. Lazer e festa nas ruas de Salvador

Ao investigarmos o festejo baiano, almejamos trazer à tona a estreita ligação que ele traça com o Lazer. As Festas, principalmente as populares, são um recorte importante deste Lazer, pois as mesmas diluem-se no cotidiano da vida humana, e é um momento de distração e, ao mesmo tempo, formação dos sujeitos (DUMAZEDIER, 1973). Neste sentido, comungamos, também, com Marcellino (2006) que define Lazer como algo que tem de ser participativo, por isso a importância de se “provocar” um debate em torno do Carnaval de Salvador, uma festa explorada pelo sistema privado embora aconteça em espaço público.

Camargo (1989) relata que lazer é:

[...] um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses físicos, culturais, manuais, intelectuais, artísticos e associativos realizados num tempo livre roubado, ou conquistado historicamente que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos...” (p.97).

Ou seja, além de ser uma prática deliberada o lazer é construtor do humano, pois ali é uma área de produção de cultura.

Por isso, que ao falarmos de Lazer, é importante lembrar que, para os brasileiros, este é um dos direitos constituídos na Carta de 1988 e, por isso, algo construído e tomado pelo povo. Não podemos esquecer também que é nele que muitas manifestações e conquistas políticas acontecem. Sendo assim, o Lazer é um território de emancipação humana, além de ser um espaço de fruição e de ócio.

Para nosso estudo, Cultura, Lazer e Festa são peças chaves para entender muitas mazelas existentes nos corpos, pois os mesmos desfilam nas ruas, no período carnavalesco, extravasando suas emoções, desejos, frustrações e manifestos de ordem política. Pode-se observar isso nos trajes e adereços dos foliões: é o rapaz que se veste de morte, de Osama (ou Obama), o travestido que leva uma boneca e finge amamentá-la, o vendedor ambulante de terno e outras personagens construídas a partir da imaginação das pessoas.

Existem, também, diversas relações de troca que possibilitam o acontecimento de manifestações afetivas, financeiras e simbólicas, como o namoro, o “ganha-pão” do catador de latinha e a criação de uma identidade com um artista ou bloco; enfim, o desejo tão bem traduzido por Pereira (1988), que mostra o lado inversor da festa:

Se o carnaval e o futebol são duas manifestações culturais marcantes na cultura popular brasileira, também são ocasiões em que é liberada a “imperfeição dos desgraçados”. Onde se grita, se pula, se satiriza, se xinga e, mesmo com a cabeça tonta e com hálito alcoólico, se sente o bafejo da liberdade – da pseudoliberdade. (p.255).



É nessa ciranda de contradições que o lazer, através do Carnaval, ganha espaço de cunho político na formação cultural. Sendo assim, é de suma importância entender sobre essa manifestação cultural que, ao longo da história, apesar de conservar algumas características, vem ganhando significados e objetivos diferentes que transcendem a fruição humana.

Assim, percebemos, nas ruas de Salvador, no espaço da festa, um cenário que gera antíteses, trocas, resistência e transformação cultural. Talvez por isso a folia baiana seja um ritual tão necessário, pois se configura num espaço de trocas, ambiguidades e inversões. Numa terra tão “miscigenada” e de diversas crenças, festejar o Carnaval seria uma forma de declarar, assumir e transformar a sua vida.

Porém, o grande paradigma do festejo está na distribuição de seu espaço. Há uma utilização das vias públicas apropriada pela indústria do entretenimento, que visa ao lucro e gera uma separação social.

É comum observarmos festas dentro da própria festa (o camarote, o bloco, a varanda do apartamento...), como se fosse um mosaico, que, de longe, forma uma bela paisagem, mas, de perto, aparece distorcido. Com isso, a cada ano a participação das pessoas da terra nos festejos momescos vem diminuindo; as ruas, aos poucos, se tornam pequenas para os foliões “avulsos”.

3. Esquentar o óleo para fazer a “pipoca”...

O termo “Pipoca” designa as pessoas que saem no Carnaval baiano de forma avulsa, ou seja, sem pagar para desfilar num bloco ou se acomodar em um camarote. Surgiu a partir de uma comparação do povo pulando nas ruas como se fossem “pipocas” estourando na panela quente.

Se é difícil estabelecer uma identidade para os grupos que participam do Carnaval, que são mais delimitados (ou diversos), imaginemos, aqui, onde se tem uma diversidade imensa de sujeitos, cada um com suas idiosincrasias, desejos e devires.

Podemos fazer uma comparação (não pejorativa) entre o povo que está “pipoca” (se por acaso ano que vem comprar um abadá² ou convite para uma arquibancada ou camarote deixará de ser) e uma espécie de limbo, aquele plano que não está nem no céu nem no inferno (será?), pois uma das preocupações do presente estudo é justamente ajudar a dar um entendimento a esse corpo que vaga na manifestação, como uma tábua no meio do oceano, ora se chocando com outros objetos, ora indo para um “nada”.

A “Pipoca” pode-se chamar de um macro-grupo com suas especificidades, no qual encontramos diversos estereótipos construídos e instituídos e que estão presentes no imaginário popular como uma maneira, uma estratégia, para se fazer notar naquela hora, pois pudemos observar que, dentro dos blocos de maior visibilidade, a câmera da TV passa e o folião pagante se faz visível através da filmagem; porém, nas calçadas e becos, as lentes não percorrem e o que “resta”, não estamos aqui justificando os excessos e, sim, procurando entendê-los, pois são as demonstrações de violência dos brigões, a irreverência dos homens vestidos de mulher, a incógnita identidade dos mascarados, a dança do gari com o tonel, o apelo político dos grupos alternativos, entre outros que resistem em colocar os seus corpos nas ruas apelando, assim, para uma visibilidade perante uma sociedade excludente e marginalizadora.

4. A Mudança do Garcia, espaço de resistência cultural

² Camisa que dá acesso ao interior dos blocos e camarotes.



Em Salvador, existe uma confraria denominada Mudança do Garcia, que é um tradicional grupo de pessoas que começaram a se reunir desde o fim da 2ª Guerra Mundial, quando músicos da Polícia Militar local fundaram uma coligação chamada Arranca-tocos, uma referência aos pedaços de árvores mortas facilmente encontradas no bairro do Garcia.

Em 1950, o grupo passou a se chamar Faxina do Garcia. A multidão caminhava pelas ruas do bairro de posse de latas, baldes d'água e vassouras simbolizando uma "lavagem" e, em 1959, o grupo passou a se chamar Mudança do Garcia, desfilando na segunda feira de Carnaval no Campo Grande³ fazendo apelos de ordem política e trazendo carroças enfeitadas e irreverentes figuras.

O desfile da Mudança é um momento alternativo, gratuito e de fortes protestos do festejo, principalmente contra políticos corruptos e escândalos envolvendo estes, quem sabe um dos melhores momentos da festa para os populares da cidade.

O cortejo já se tornou uma tradição na festa. Irreverente e divertido, ele é uma das estratégias que as pessoas encontram para participarem de forma efetiva da folia. A mudança do Garcia, hoje, com sua irreverência e criatividade, representa um espaço de resistência e, acima de tudo, de conquista do espaço, nos festejos momescos, pelos menos abastados economicamente. Ali, o trio elétrico é substituído pelas carroças empurradas pelos jegues, não existem abadás e sim a liberdade de se vestir como quiser e puder, o que acaba diminuindo significadamente os atos de agressões.

5. Os "pipocas" disputando os locais da festa: entre brigas e brincadeiras

Outro aspecto importante está voltado para o "sufoco" pelo qual o folião "pipoca" passa para poder participar da festa. A respeito disso, o Mestre Pelé do Tonel, capoeirista, gari e artista plástico que ficou conhecido por fazer acrobacias com um tonel de lixo no festejo soteropolitano, comenta o seguinte:

"[...] as pessoas ficam até um pouco amedontradas, de participar, apesar de que baiano é muito alegre, gosta muito de festa, do Carnaval, como eu gosto também, mas eu acho assim nêgo, o Carnaval com esse povão, a alegria faz esquecer tudo daquilo, eu acho que a quantidade de pessoas, pelo que eu vejo, aqui sempre cresce mais..." (2010).

Ou seja, há um fator complicador, que é a violência, mas a alegria emanada pelo povão supera e esse procura ir mais e mais a um evento que, a cada ano, suprime a participação dos menos abastados, pois há um aumento significativo de blocos e camarotes pagos. O resultado deste processo é o aperto de gente nas ruas, o que acaba gerando agressões e outras ocorrências policiais, mas a resistência da massa é mais forte, e ela se faz presente mesmo assim.

³ Um dos circuitos do carnaval soteropolitano localizado no centro da cidade.



A respeito do tumulto no festejo, há uma onda avassaladora de confusões que ocorrem na passagem do trio elétrico. A mistura do consumo de bebidas alcoólicas e de drogas, o espaço apertado e a euforia causam o que Serra (2009) chama de: “[...] grande show pop, que vem a ser o mais universal dos rituais multitudinários modernos e utiliza uma linguagem músico-cinética de forte apelo, que suscita a aglomeração e induz a massa reunida ao movimento frenético” (p.36). A força que a “máquina” sonora produz é tanta, que a mesma provoca um frenesi imenso, controlado, na maioria das vezes, pela força policial.

Brigar no meio dessa folia não significa somente ser violento; ali a luta se torna um espetáculo que, muitas vezes, é incentivado pela multidão. Muitos dos envolvidos nas ocorrências de agressões são conhecidos, seja do bairro ou academia e, naquele instante, pode estar ocorrendo uma marcação de territórios, o que representa se auto-realizar numa tentativa de conquistar um espaço no meio daquela onda de acontecimentos.

A batida da música embala o corpo que está envolvido numa trama de exclusão e, ao mesmo tempo, delírio. É a hora que o “homem-bomba” explode, pois ele passou o ano inteiro se alimentando e morando mal. Então aquele é o ambiente e a hora de extravasar suas agruras.

As brigas, muitas vezes, fazem parte do cenário espetaculoso do Carnaval. Cabe lembrar que o trio não foi criado/inventado com a finalidade de excluir e gerar violência. Pelo contrário, Serra (2009) nos lembra que: “Osmar Macedo, em vésperas de sua morte, em junho de 1997, ainda lamentava a quase desaparecimento do trio elétrico “independente” (não ligado a bloco) na folia carnavalesca baiana. (p.38)” Os pais do trio criaram um instrumento de fruição tanto que, até hoje, os seus filhos não tocam em trios de bloco e, sim, para o povo. Eis o legado.

Ao ser questionado sobre a questão do povo na rua, o cantor Ninha Brito nos fala da angústia que sente em relação à participação popular na festa: “[...] eu, como folião, eu me sinto oprimido, porque durante os dias do Carnaval eu gosto de estar no meio da galera curtindo o Carnaval como sempre curti...”. Para ele quem quiser saber o que isso representa é só vir: “[...] para o outro lado pra sentir o quanto você é oprimido, quanto você fica sem espaço físico para curtir, mas é aquela coisa, é o aquecimento do Carnaval, é a população que cresce, as pessoas que querem vir curtir e querem ver os blocos, querem ver as suas atrações, seus artistas...”.

Sobre isso Ninha Brito revela que o Carnaval, por ser pago, acaba trazendo essas mazelas, pois, se fosse gratuito, haveria uma maior democratização e as pessoas se sentiriam mais iguais, declara Ninha: “A violência você vê quando tem um Carnaval pago, que as pessoas olham os camarotes, e quem tá em cima (dos camarotes), principalmente, não olha quem está em baixo e cospem, jogam uma lata, e não querem saber...”. Para o cantor, esse fato incomoda e o maltrata: “[...] porque aquele que está em baixo, que recebeu a latada, pode ser eu, e isso eu não vou gostar... E eu vejo, presencio, mas não posso dar jeito no mundo, porque quando já cheguei já encontrei o mundão”.

Outra grande problemática em relação à participação dos corpos nessa festa é a desigualdade social. A violência, e aqui não estamos somente nos referindo às agressões físicas, pode vir em forma de abusos ou violações morais, como a exposição da riqueza num país de miseráveis.

É a partir do desejo de participar da festa que são criados os artifícios de inclusão, conforme demos o exemplo da Mudança do Garcia. Ficar de fora é praticamente um castigo, principalmente para quem mora na cidade que hospeda uma grande festa, como o Carnaval, assistir pela mídia a tudo que está acontecendo tão perto e não poder fazer parte daquele momento é uma verdadeira tortura. Por isso,



muitos associam a carência econômica ao desejo de fruição e vendem a sua força de trabalho para puxar as cordas dos blocos ou vender bebidas, por exemplo.

Ao mesmo tempo em que se trabalha, mesmo sob condições adversas, o sujeito brinca, bebe e paquera. Quem não se dispõe a isso, acaba se apertando nas ruas para se divertir, manifestar-se politicamente ou simplesmente admirar as atrações musicais, ora brigando, ora se beijando.

A essas contradições, Santos (2000), chama de esquizofrenia do local. Comenta o geógrafo:

É que no local tem-se a obediência e a revolta. Há sempre as duas coisas. Evidente que há a cultura de massa, que está presente em toda parte, mas existe também a cultura popular que nasce a cada momento, porque há uma produção de pobreza permanente. A cada vez que a pobreza fica maior, são mais numerosos os objetos e os desejos, para usar uma linguagem psicanalítica... O lugar geográfico é também o lugar filosófico da descoberta, por que nele se batem forças contraditórias. Há, de um lado, os que buscam o lucro a todo custo e se apropriam dos pontos mais vantajosos e há todos os demais, mais ou menos afetados por uma situação que desejam modificar para melhor. (p.63 e 64)

Portanto, a ida às ruas para brincar o Carnaval é, ao mesmo tempo, um ato de “obediência” e resistência, pois é nessas idas e vindas que se produz e reproduz a cultura, de uma forma que o popular vai conquistando cada vez mais o seu lugar no festejo, mostrando que se faz necessária uma democratização dos espaços onde acontece o Carnaval.

6. Considerações Finais

Em nosso campo achamos diversos signos e símbolos expressados pelos corpos em suas horas de folga, sejam eles de ordem política, afetiva ou cultural. Esses estão nos diversos estereótipos estabelecidos pelo imaginário popular, ou até mesmo pela mídia. Não ter dinheiro para desfilar em um bloco pago não impede que as pessoas desenvolvam “organismos” para se manifestarem e se divertirem. Fazer-se notar num espaço tão dinâmico leva à criação de estratégias para expressar seus desejos, fantasias, necessidades e devires no momento da folia. Percebemos isso na violência dos valentões, na irreverência dos travestidos, na incógnita dos mascarados, nos adereços e fantasias e na sensualidade da paquera.

Encontramos também a existência de variados papéis sociais que os foliões “pipoca” assumem e/ou representam no Carnaval. A possibilidade de inverter a ordem do mundo dá ao folguedo um papel que vai além de seu aspecto mítico. Nesse momento, há diversas trocas e contendas que acabam criando um “jogo” político e cultural, no qual as pessoas ganham e perdem, sofrem e se divertem, brigam e namoram...

A Mudança do Garcia, no qual os foliões vão às ruas, desfilam no circuito oficial da Festa e nada gastam, é um forte exemplo de resistência e apelo político; nele acontece um momento de brincadeira, agitação e, sobretudo, reivindicação.

Esperamos, através deste trabalho, poder contribuir de forma significativa, perante a Comunidade Acadêmica, Sociedade e Poder Público, para a distribuição dos corpos neste festejo tão importante e historicamente construído pela humanidade, que é o Carnaval de Salvador. É preciso que se criem demandas no sentido de torná-lo mais participativo e menos excludente.



Referências

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. ***O que é Lazer***. São Paulo. Brasiliense, 1989.

Cordeiros. Produção de Amaranta César e Ana Rosa Marques. Disponível em: <http://lists.indymedia.org>. Acesso em: MAI 2009.

DE BRITO, Carlos Augusto Rodrigues (Ninha), Entrevista realizada na casa do artista em Vila de Abrantes em 10/10/2009. Camaçari-Ba.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.



FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: O dicionário da língua portuguesa. 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MARCELLINO, Nelson C. **O lazer e os espaços na cidade**. [IN]: ISAYAMA, Hélder; LINHARES, Meily A. (orgs.). Sobre lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006, p. 65 a 93.

OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREIRA, Flávio Medeiros. **Dialética da Cultura física**. São Paulo: Ícone, 1988.

SANTOS JUNIOR, Flávio Cardoso. **Lazer e Festa**: Olhares e tramas do corpo no Carnaval soteropolitano. Monografia (Graduação). Curso de Educação Física, Faculdade Social, Salvador-BA, 2010.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade**: Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

SERRA, Ordep. **Rumores de Festa**: o sagrado e o profano na Bahia. 2ª edição. Salvador: Edufba. 2009.

SOUZA, Samuel (Mestre Pelé do Tonel). Entrevista realizada no Bairro da Ribeira em 04/12/2009. Salvador-Ba.

Endereços:

Flávio Cardoso dos Santos Junior
Rua José Rodrigues Figueiredo, 84 – Matatu – Salvador-Ba – CEP: 40.260.015
Tel.: 071-8804-8472
E-mail: flaviao@oi.com.br

Luis Vitor Castro Junior



Rua Humberto de Campos, 70, AP 602 - Graça- Salvador-Ba- CEP 40.150.120

Tel.:071-9966-5555

E-mail: victorcapoeira@hotmail.com

Recurso necessário: Retroprojektor

Flavio Cardoso dos Santos Júnior

Professor Pesquisador do Grupo Artes do Corpo da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Luís Vitor Castro Júnior

Coordenador do Grupo Artes do Corpo e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Doutor em História – PUC-SP